

O fetiche da tecnologia na educação



Demerval Bruzzi
Doutor em Educação, graduando em Psicologia. Ex-diretor do Ministério da Educação

No Brasil, vivemos atualmente a era do fetiche tecnológico. Muitos atribuem à tecnologia o caráter mágico da transformação educacional necessária ao desenvolvimento social e pessoal do ser humano. É fato que, nos últimos dez anos, tivemos mais mudanças do que nos últimos cem. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) trouxeram ao ser humano conquistas antes ficcionais. Assim, não seria de se estranhar a tentativa contínua de apropriação de tais tecnologias por parte da educação, afinal, trata-se de comunicação e informação, bases da educação.

Muito se tem postado nas redes sociais a respeito de transformações e sucessos pontuais nos processos de ensino e aprendizagem mediados pela e com a tecnologia. No entanto, até hoje ainda não tivemos um caso de sucesso com a

capilaridade e a profundidade necessárias para a transformação que tanto se espera, em especial por parte daqueles que se apresentam como *salvadores*.

Destaco que não sou contrário à adoção da tecnologia como meio potencializador dos processos de ensino e aprendizagem, muito pelo contrário, sou adepto do uso dela como meio de transformação. No entanto, não posso aceitar e corroborar o avanço e aceite quase inconsciente, por parte de secretarias de educação e professores, de falsos educadores e suas técnicas mágicas apresentando-se como única ou no mínimo melhor opção para o desenvolvimento educacional, com seus projetos "banhados" e "batizados" como tecnologia inovadora.

Durante minha vivência como diretor do Ministério da Educação, via todos



PeopleImages/Stock.com

os dias aportarem nas mais diversas redes pseudo-especialistas com mil e uma dicas e teorias acerca de como a tecnologia seria a salvação da educação. No entanto, de concreto, tais especialistas nada tinham a oferecer, a não ser um pequeno momento de autopromoção fetichista.

Em alguns casos, como suporte ao pseudo-educador, ainda tínhamos grandes corporações, aportando recursos, material e mão de obra temporária, despertando o desejo, em especial nas comunidades mais carentes, onde pouco é muito.

O impacto das TICs na educação é, na verdade, um aspecto particular de um fenômeno muito mais amplo, relacionado com o papel dessas tecnologias na atual sociedade da informação. Segundo César Coll, um dos principais coordenadores da reforma educacional espanhola, e Carles Monereo, doutor em Psicologia da Educação da Universidade Autônoma de Barcelona, elas fazem surgir novas modalidades de educação, formais ou informais, individuais ou coletivas, de natureza autodidata ou sob a tutela de instituições de ensino; em formato presencial, híbrido ou totalmente mediado por tecnologias digitais, desenham um novo cenário para a educação.

Rena Palloff e Keith Pratt destacam que os objetivos, papéis, metodologias e recursos digitais estão sendo repensados à medida que máquinas, redes eletrônicas e tecnologias móveis invadem os espaços de aprendizagem tradicionais, fazendo emergir conceitos e práticas relacionadas a sistemas informatizados, ambientes hipermídia e comunidades virtuais de aprendizagem.

De acordo com César Coll e Carles Monereo, "Estamos assistindo há décadas ao surgimento de uma nova forma de organização política, econômica, social e cultural, identificada como Sociedade da Informação (SI), que comporta novas maneiras de trabalhar, comunicar-se, de rela-

cionar-se, de aprender, de pensar, e, em suma, de viver. E as TICs, em sua dupla condição de causa e efeito, têm sido determinantes nessa transformação. Entre todas as tecnologias criadas pelos seres humanos, aquelas relacionadas com a capacidade de representar e transmitir a informação, ou seja, as tecnologias da informação e da comunicação, revestem-se de especial importância, porque afetam o dia a dia de alunos e professores. Vivemos em uma época em que as TICs vão além da base comum do conteúdo”.

Nessa perspectiva, podemos considerar que a utilização significativa e crítica de computadores e recursos digitais contribuem para a construção e apropriação de conhecimentos dos sujeitos, ao permitir que professores e alunos possam compreender melhor sua realidade para transformá-la.

No entanto, Coll e Monereo ainda enfatizam que tentar entender e valorar o impacto educacional das TICs, considerando apenas sua influência sobre as variáveis psicológicas do aprendiz que culturalmente é mais afeito às tecnologias atuais frente aos processos necessários ao ensino e à aprendizagem, é no mínimo uma abordagem tendenciosa e míope da questão.

Já Newton Cesar Balzan alerta para o modismo inútil que se tornou a “inovação pedagógica mediada pela tecnologia” ao argumentar que a palavra de ordem atual (e na época também) é *innovar*, sem se preocupar em função de quê e de quem estará a serviço.

González Rey reforça nosso pensamento, argumentando que, no processo de aprendizagem escolar, o desempenho, a motivação e a persistência diante das tarefas escolares que se apresentam no dia a dia são expressões dos processos simbólicos e emocionais do aprendiz, que emergem durante o processo de aprendizagem.

Ainda segundo o autor, as dificuldades de aprendizagem surgidas após o processo de formação devem ser consideradas e compreendidas, levando-se em conta as configurações subjetivas mobilizadoras e os sentidos subjetivos produzidos perante a nova tarefa que se aprendeu.

Marilza Suanno reitera essa ideia ao pontuar que os processos de inovação são processos incertos, que demandam do sujeito potencial para construção do que ela chama de *práxis inventiva* e suas estratégias criativas, que vão sendo construídas a partir dos operadores do pensamento complexo e dos pilares e axiomas da transdisciplinaridade.

Como se vê, não bastam a tecnologia e o aporte “temporal” dos falsos educadores, sem formação adequada, e suas corporações. Para efetivamente mudarmos a educação por meio da tecnologia, faz-se necessário envolvimento, e não apenas comprometimento.

É necessária a formação adequada de nossos professores desde a faculdade, respeitando os pontos anteriores apresentados, além, é claro, de infraestrutura e continuidade de investimentos, propiciando, assim, atualização necessária frente à velocidade das mudanças.

Finalizo minha crítica lembrando que tais empresas e seus pseudo-educadores, tão preocupados com o uso das TICs na educação, não investem nas universidades formadoras e emancipadoras. Curiosamente, preferem sempre investir na proximidade fortuita com o Ministério da Educação e suas secretarias, onde, de uma forma ou de outra, recuperam seu investimento. No entanto, ainda temos instituições dignas de credibilidade, cujo negócio é o desenvolvimento da educação no Brasil. ■